

Marcas de subjetividade enunciativa e ensino de PLE

Maria Aldina MARQUES

Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas

Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho

mamarques@elach.uminho.pt

ORCID 0000-0003-3263-1977

Resumo

Os conceitos de enunciação e subjetividade ganham centralidade teórica com Benveniste. Se a enunciação é definida como atualização da língua em discurso, a subjetividade é “a capacidade do locutor para se propor como sujeito” nessa enunciação (Benveniste 1988:286), de se propor como EU, instaurando pelo mesmo ato enunciativo um TU. A subjetividade é sempre intersubjetividade. Nos discursos, o locutor compartilha com o seu alocutário os modos de estar presente que escolhe em função de constrições várias, isto é de regras e de regularidades de uso da língua. Aprender uma língua estrangeira é aprender estes modos de estar presente. Pretende-se, neste trabalho mostrar como as categorias linguístico-discursivas pelas quais o locutor constrói a sua (inter)subjetividade podem ser aplicadas ao ensino do PLE. A análise das formas de tratamento num pequeno *corpus* de mensagens de aniversário permite exemplificar estes valores e usos.

Palavras-chave: ensino de PLE; formas de tratamento; interação verbal; (inter)subjetividade

Abstract

The concepts of enunciation and subjectivity gain theoretical centrality in Benveniste's work. If enunciation is defined as the conversion of language into discourse, subjectivity is "the ability of the speaker to propose himself as a subject" in this enunciation (Benveniste 1988: 286), to propose himself as I, establishing through the same enunciative act a YOU. Subjectivity is always intersubjectivity. The speaker shares with his addressee the ways of being present that he chooses depending on various constraints, or rules and regularities of language use. Learning a foreign language means learning these ways of being present in discourse. The aim of this work is to show how some of the linguistic-discursive categories through which the speaker constructs his (inter)subjectivity can be applied to the teaching of Portuguese as a foreign language (PLE). The analysis of the forms of address in a small *corpus* of birthday messages allows us to exemplify these values and uses.

Keywords: PLE teaching; forms of address; verbal interaction; (inter)subjectivity.

1. Introdução

A necessidade de conhecer a definição dos conceitos usados em investigação, integrados no quadro teórico que lhes confere pertinência científica é a base para o manuseamento que a aplicação ao ensino das línguas, maternas ou não maternas, exige. É neste enquadramento que colocamos a discussão do conceito de *subjetividade*, a exemplificar pela análise da categoria discursiva de formas de tratamento em português europeu.

A subjetividade é um termo da linguagem do quotidiano, com que os falantes estão familiarizados, mas que, longe de ser esclarecedor, remete para uma zona de ambiguidade, quase de caos, se limitado ao absolutamente individual, de que é exemplo a definição abaixo, retirada ao acaso da internet, e onde sobressai esse individualismo que quase parece impossível de partilhar:

A subjetividade é o conjunto de *qualidades e características individuais de uma pessoa, tudo aquilo que há de mais particular*, que a diferencia das outras pessoas. Envolve seus sentimentos, seus desejos e expectativas, seus gostos e aversões, sua maneira de se perceber e de perceber o mundo, enfim, tudo o que configura uma pessoa singularmente.

<https://www.ex-isto.com/2021/02/subjetividade.html>

Importa, pois, recentrar a questão na relação com a linguística ou as ciências da linguagem. A questão linguística da subjetividade e a questão da *subjetividade linguística* – a ordem dos fatores não é arbitrária - não se inauguram com Benveniste (1988, 1989), mas têm aí um marco teórico que influencia todo o caminho percorrido na investigação.

2. Subjetividade e linguagem

As questões teóricas levantadas pelo tema da subjetividade são o centro da investigação desenvolvida por Benveniste, sobre “a condição do homem na linguagem” (1988: 287). Na verdade, é o regresso desta problemática à teoria linguística, às preocupações investigativas, e que as correntes estruturalistas haviam afastado na procura de uma objetividade que sustentasse a cientificidade da área. Abrindo ainda mais a porta para outras vertentes de análise, e de um novo paradigma da língua em uso, a subjetividade é uma das questões fundamentais na relação com a enunciação que define uma área forte de estudos frequentemente delimitada como *linguística da enunciação*.

A subjetividade convoca uma redefinição do próprio objeto de estudo, assumindo a heterogeneidade da língua e dos usos. É, pois, uma questão que se torna central quando se pretende reorientar a investigação, da língua para o discurso (e da linguística para o ensino).

A subjetividade é constitutiva da língua, porque *o sujeito está necessariamente presente no seu discurso*. Não havendo discurso sem locutor, a subjetividade é condição do discurso. Importa sublinhar que Benveniste, fiel ainda a pressupostos estruturalistas, coloca o sujeito como centro interno de referência, um lugar marcado na língua e teorizado como aparelho formal da enunciação, constituído por categorias linguísticas, em que sobressai a dêixis, também alvo da atenção dos filósofos da linguagem, no quadro de uma reflexão pragmática sobre a linguagem e o significado. É verdade que Benveniste estende a subjetividade a outras categorias, nomeadamente a dimensões modais. E ao tornar indissociável enunciação e referência, a que Mondada e Dubois (1995) chamarão referenciação, aponta para o carácter (inter)subjetivo da linguagem, que leva Koch, Morato e Bentes a afirmar, bastante mais tarde que “A referenciação não perpassa simplesmente por uma representação extensional de referentes do mundo extramental. A realidade é construída, mantida e alterada, pela forma como, sociocognitivamente, o sujeito interage com o mundo.” (Koch, Morato & Bentes 2005: 7). O caminho percorrido é um longo caminho de problematização deste tópico. Vale a pena, pois, aprofundar as propostas de Benveniste sobre a subjetividade.

2.1. A subjetividade no quadro teórico da enunciação linguística

Benveniste define subjetividade como a “capacidade do locutor para se propor como sujeito.” (1988: 286). Não é fechar a língua, e o seu estudo, na cerca do subjetivismo individual irrepetível, referido acima. O ser humano é gregário, os seus modos de categorização do mundo têm ancoragem cognitiva e social. Benveniste não concebe o sujeito sem um outro: Eu não sou EU sem o OUTRO. É um sujeito que partilha com a comunidade os modos de ser sujeito em discurso. Charaudeau (2010), por exemplo, chama a atenção para o facto de o sujeito sofrer restrições ao uso da palavra, decorrentes da sua condição de membro de uma sociedade, mantendo, contudo, a capacidade de construir um projeto de comunicação que lhe é próprio. Daí que, a subjetividade seja de facto intersubjetividade. Benveniste retoma a questão várias vezes, sublinhando a “condição de diálogo que é constitutiva da pessoa” (1988: 286). Há uma

imbricação do eu e do outro que é a imbricação do indivíduo e da sociedade: “É numa relação dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (Benveniste 1988: 287). A língua só pode ser concebida como alteridade. Para o autor, esta é “constitutiva da enunciação e da língua”. O ato de enunciação constitui-se num quadro figurativo (Benveniste, 1989: 16). E o interlocutor está implicado na negociação dos sentidos,

2.2 Subjetividade e discurso

A subjetividade está presente nos discursos, porque não há discursos sem locutor. A questão que se coloca então é a dos modos discursivos de ser sujeito. Construir a (inter) subjetividade é atualizar regras e regularidades da língua em uso. Por outras palavras, a construção discursiva de relações humanas é uma das vertentes de *ser sujeito*, e parte fundamental do sentido dos discursos. É esta vertente de construção de relações interpessoais nos discursos que Kerbrat-Orecchioni (1992 : 13) sublinha: “Une part importante du matériel produit au cours de l’interaction n’a d’autre fonction que relationnelle”.¹ A capacidade de o falante se propor como sujeito é marcada no discurso por diferentes categorias linguístico-discursivas inter-relacionadas que concorrem para a construção da subjetividade (Kerbrat-Orecchioni, 1980). Como sublinha Rabatel (2013: 35), este é um processo global indissociável das relações interpessoais construídas na e pela interação: “Le marquage de la subjectivité (...) s’ouvre à l’organisation des discours”.²

3. Categorias linguístico-discursivas ao serviço da subjetividade e ensino da língua – as Formas de Tratamento em português europeu

As formas de tratamento (FT, a partir de agora) são uma categoria pragmática que relaciona a língua e a sociedade, sem que obviamente essa relação seja especular. Nos discursos, as FT estão ao serviço da construção da relação interpessoal, das imagens, dos posicionamentos, que cada locutor, simultaneamente, reivindica para si e atribui aos outros. Daremos atenção sobretudo às formas de alocação, que colocam o Outro no discurso do EU.

¹ Uma parte importante do material produzido durante a interação tem uma função unicamente relacional. (tradução pessoal)

² “A marcação da subjetividade (...) abre-se à organização dos discursos” (tradução pessoal).

Na categorização das formas de tratamento, a proposta de Brown e Gilman (1960), que destaca a categoria de formas de tratamento pronominal, é fundamental (para seguir ou para reformular ou para criticar). Os autores propõem as categorias T/V (do latim, *tu* e *vos*, pronomes de tratamento de 2.^ap/s.), de acordo com critérios de poder e solidariedade nas relações discursivas interpessoais. Trata-se de uma essencialização de fenómenos mais ou menos complexos de acordo com as línguas consideradas, segundo parâmetros que não são dicotómicos, mas gradativos, de distância/proximidade e simetria/assimetria, que levam à construção de um registo de língua e de uma relação

[±] formal. O sistema de formas de tratamento no português europeu contemporâneo (PEC) organiza-se, como proposto por Lindley Cintra (1972), em 3 categorias, denominadas formas de tratamento nominal (FTN), formas de tratamento pronominal (FTP) e formas de tratamento verbal (FTV). O sistema de FT do português europeu é, pelas formas e usos que o caracterizam, complexo (Lindley Cintra, 1972, Carreira, 1998, 2004, Duarte, 2011, etc.). No quadro 1 sintetizo os valores (essencializados) das 3 categorias de FT, de singular, em português europeu contemporâneo (PEC), que suportam a abordagem aqui realizada

		Formas de tratamento pronominal, nominal e verbal (PEC)	
		2. ^a pessoa (+proximidade; +simetria; - formalidade)	3. ^a pessoa (-proximidade; -simetria; +formalidade)
FT - singular		FTP: <i>Tu</i> vais à cidade?	FTP : <i>você</i> vai à cidade?
		FTV: <i>vais</i> à cidade?	FTV: <i>vai</i> à cidade?
		FTP: Nome próprio / Nome de família <i>Ana</i> , vais à cidade? <i>Meireles</i> , vais à cidade?	FTP: Apelativos gerais / Nome próprio / Nome de família/título académico <i>Ana</i> , vai à cidade? A <i>Ana</i> vai à cidade? <i>Meireles</i> , vai à cidade? O <i>Meireles</i> vai à cidade? <i>Senhor doutor</i> vai à cidade? O <i>senhor doutor</i> vai à cidade?

Quadro 1 – Valores (essencializados) das 3 categorias de FT, de singular, em PEC

Os trabalhos publicados (Oliveira 2005, Carreira, 1998, 2004) dão conta de uma complexificação da categoria FT, relativamente a estes parâmetros iniciais, pois são

marcas de uma relação interpessoal, compósita e dinâmica que se constrói em cada situação comunicativa, e que Brown e Gilman não deixaram de considerar. Catherine Kerbrat-Orecchioni (2008: 405) chama-lhe categoria camaleão, pelos valores que assume em sintonia com o contexto: “le terme d’adresse apparaît-il souvent comme une sorte de camaléon, qui épouse la valeur de son entourage tout en lui servant de résonnateur”.³ Entram aqui dimensões sociais, discursivas, mas também históricas, emotivas, idiossincráticas, a que Coseriu faz referência: “...seu emprego não está determinado exclusivamente pela relação estritamente social com o interlocutor (...) mas também pelo grau de conhecimento recíproco e de intimidade entre os interlocutores, por atitudes de respeito humano simplesmente, etc.” (1990:45). É, pois, a partir dos usos nos quais se constroem intersubjetividades cognitiva, social e historicamente reguladas que é possível determinar os sentidos que uma FT adquire. O conceito pragmático de escolha tem aqui a maior aplicabilidade (Verschueren e Östman 1995, Portolés 2004). Usar uma FT é escolher como reconhecer o outro (Marques, 2014). E esse reconhecimento está presente no modo de construir as relações intersubjetivas ou interpessoais.

3.1 As FT: Usos estratégicos contextuais

O nosso objetivo é, como referido, sublinhar a importância da relação entre a investigação em ciências da linguagem e o ensino-aprendizagem do PLE, pela análise do uso das formas de tratamento do português europeu, em situações de interação autênticas. Colocamo-nos, portanto numa perspetiva pragmática, que valoriza a contextualidade do sentido, sem que este pressuposto teórico ponha em causa que as formas linguísticas têm valor intrínseco, que Kerbrat-Orecchioni (2012: 2) refere como “o sentido mais esperado, sentido de base, sentido próprio”, uma vertente do sentido ou significado lexical de que fala também Rabatel (2021: 207).

Para exemplificação da abordagem do uso e funcionamento das FT em contexto, foi selecionado um evento sociodiscursivo formado por mensagens de celebração natalícia, as mensagens de feliz aniversário, constituindo atos expressivos de congratulação ou parabéns. É um evento conhecido de todos os falantes, um evento frequente, do quotidiano, que é, por isso, uma situação comunicativa adequada ao trabalho com estudantes estrangeiros.

³ “a forma de tratamento aparece muitas vezes como uma espécie de camaleão, que assume o valor do seu contexto, servindo-lhe de ressoador.” (tradução pessoal)

Trata-se de um evento discursivo plurilocutores, mas organizado em diálogos (Kerbrat-Orecchioni e Plantin, 1995), ocorrendo em diferentes momentos temporais e envolvendo participantes diversos. A unidade discursiva decorre da presença de um único alocutário, alvo do ato expressivo. Os dados considerados são constituídos unicamente por mensagens escritas, enviadas via WhatsApp e e-mail. Estes dois suportes estão ao serviço, respetivamente, de dois espaços sociais-discursivos, um espaço determinado por relações de parentesco, que designámos como espaço familiar, e um espaço comercial. Os dados recolhidos em função deste critério foram agrupados em duas categorias, uma constituída por três mensagens de parabéns de duas instituições bancárias e de uma loja comercial de uma cadeia internacional, e uma outra categoria constituída por oito mensagens produzidas num espaço familiar. As onze mensagens foram sujeitas a um processo de anonimato, mas foram mantidas as designações das instituições, por se tratar de mensagens estandardizadas ao serviço de uma estratégia de marketing. Os espaços comercial e familiar que fazem parte do quadro comunicativo foram, portanto, o critério central usado na constituição dos dados para análise.

Na caracterização das relações interacionais, algumas características destes dois espaços devem ser salientadas. Os papéis sociodiscursivos pré-estabelecidos são características das interações discursivas marcadas por relação comercial, que podemos considerar prototípicas. Locutor e alocutário assumem as funções sociais de vendedor e de cliente, independentemente da designação adotada por cada organização para essas funções e alternadamente de locutor e alocutário, configurando uma estrutura interacional dialogal. Em Portugal, nomeadamente quando se trata de empresas de âmbito nacional e internacional, as inter-relações comerciais são usualmente marcadas por formalidade. O uso de 3.^a p/s verbal é o único expectável. Mesmo o uso do pronome você é em muitos casos considerado inaceitável (Carreira 2007, Marques e Duarte 2019). Na análise que realizámos, é a relação vendedor-cliente que está em causa. O vendedor pode dirigir-se ao cliente usando diferentes formas de tratamento, em função do conhecimento que tem do seu interlocutor, eventualmente suportado pelos formulários que este já preencheu e que estão disponíveis na base de dados da empresa. Os temas das interações estão pré-definidos, obedecem a um objetivo negocial, em concordância com os papéis assumidos pelos participantes. No quadro 2, sintetizamos as FT usadas para o alocutário-cliente:

Instituição bancária	Estabelecimento comercial
FT nominais: Apelativos genéricos + Np/nome de família: senhor Luís Silva / Dona Luísa Dias;	FT nominais: Apelativos genéricos + Np/nome de família: senhor Luís Silva / Dona Luísa Dias
FT pronominais: Apelativos genéricos: o senhor / a senhora ⁴ ; você ⁵	FT pronominais: Apelativos genéricos: o senhor / a senhora; você
FT verbais: 3ª pessoa	FT verbais: 3ª pessoa

Quadro 2: FT usadas para o alocutário-cliente

No espaço familiar, determinado por laços de parentesco, as relações são informais, de proximidade e marcadas pela afetividade, mas com gradações por vezes muito subtis. Diferentes relações de parentesco e diferenças geracionais são parâmetros também a considerar na análise desta variação. De facto, as formas de tratamento de parentesco são variáveis, em função da proximidade afetiva, do vínculo particular de parentesco e também da relação geracional. Coexistem tratamentos de 2ª e 3ª p/s. O tratamento de 2p/s (TU) tem aqui os valores considerados prototípicos de proximidade e informalidade, mas neutraliza o traço de (as)simetria. Mas a tradição familiar é também um parâmetro influente a considerar. Aí se inclui a possibilidade de usar o pronome *você*⁶, entre gerações, como forma de respeito.

FT no espaço da família
FT nominais: Nomes de parentesco: pai, mãe; hipocorísticos: Zezinha, Bá; termos de afeto: fofinha; meu amor; nomes próprios: Joana, Luís.
FT verbais: pai, podes ajudar-me?; pai, pode ajudar-me?/o pai pode ajudar-me?
FT pronominais: tu vais sair?

Quadro 3: FT usadas para o alocutário-família

4. Análise dos resultados obtidos

Os dados recolhidos em contexto familiar são constituídos por 8 mensagens:

a) - Parabéns, [nome de parentesco] 🎉🥳🥳

⁴ Sobre as particularidades de usos de *o senhor*, com valor pronominal, ver Duarte e Marques (2023).

⁵ O uso da forma *você* em português europeu, nomeadamente em contexto comercial, pode ocorrer, mas não é consensual (Carreira 2007, Marques e Duarte 2019, acima referidas).

⁶ Sobre os usos do pronome *você*, ver nota de rodapé n.º 5.

- Obrigada, [termo afetivo] 🥰🥰
- b) - Muitos parabéns, [nome de parentesco]! beijinhos 😊 Desde Riyadh SA
- Obrigada, [termo afetivo]
- c) - Muitos parabéns, [nome de parentesco] 😊🥰 um grande beijinho
nosso 🥰🥰🥰
- Obrigada, [hipocorístico], beijinhos 🥰🥰🥰
- d) - Parabéns, [hipocorístico]. Ligo logo 🥰🥰🥰🥰🥰
- Obrigada, [hipocorístico]. Até logo. Beijinhos 🥰🥰🥰
- e) - Parabéns, [hipocorístico]! Feliz aniversário. Beijinhos. 🥰
- obrigada, [hipocorístico]. 🥰🥰
- f) Parabéns [hipocorístico]. Um bom dia de aniversário Beijinhos.
- obrigada, [hipocorístico].
- g) Parabéns, [termo de afeto + nome de parentesco +hipocorístico]! Espero que
tenhas um bom dia (...)
- obrigada, [hipocorístico] 🥰🥰
- h) Muitos parabéns [hipocorístico] !!!
- obrigada, [hipocorístico]

É de salientar a estrutura dialogal da interação. Predominam nomes de parentesco e hipocorísticos, constituídos por diminutivos, do nome próprio e de alguns nomes de parentesco. Em a), b) e c) ocorrem nomes de parentesco, em d), e), f) h) são hipocorísticos. Verifica-se ainda a possibilidade de coocorrência de diferentes formas, compostas, constituídas por Termo afetivo + nome de parentesco + hipocorístico em (g). É ainda de salientar a ocorrência de *emoticons*, que reforçam a relação afetiva, em 5 das 8 mensagens consideradas.

Em contexto comercial, foram recolhidas 3 mensagens:

- i) Maria, hoje é o seu dia.
Caixa Geral de Depósitos <info@info.cgd.pt
Qua. 14/06/2023 10.07
Parabéns, Maria.
A Caixa deseja-lhe um feliz aniversário.

Esta é uma data muito especial e queremos celebrá-la consigo.

j) Queremos festejar consigo neste dia tão especial

Parabéns, [Nome completo]!

Desejamos-lhe muitas felicidades e muitos anos de vida, ao nosso lado.

Obrigado por escolher ser cliente Santander.

k) Parabéns, [Nome próprio].

Temos um bálsamo de mãos e um serviço de sobrancelhas Benefit só para ti!

Descobre como podes receber: Mais info ou STOP: [https:// sephora ...](https://sephora...)

No espaço comercial, as mensagens, ainda que em menor número, restringem-se, quanto às FT nominais, ao Nome próprio, em (i) e (k), e ao Nome completo, em (j). As formas verbais e pronominais de 3.^a p/s ocorrem nas mensagens i) e j), a 2.^a p/s ocorre em (k), também em formas de tratamento verbal e pronominal.

São usos claramente diversos, em termos das FT e da estrutura dialogal que acima foram apresentadas como características da interação verbal comercial. Nas mensagens em análise, a interação pretende ser primeiramente não comercial. Os papéis sociodiscursivos dos participantes, contra as expectativas geradas contextualmente, não são os de vendedor e cliente, mas de “conhecidos”, compartilhando conhecimentos que permitem ao locutor entrar na esfera pessoal do outro. Contudo, é uma interação unidirecional, não havendo lugar a intervenção reativa de agradecimento, uma característica central para a definição deste género discursivo. O locutor responsável pelo ato de congratulação é identificado com a instituição, a partir de expressões definidas (*A Caixa* deseja-lhe um feliz aniversário); do uso de Nós institucional (*Desejamos-lhe* muitas felicidades e muitos anos de vida, ao *nosso* lado), ou da construção do alocutário no papel sociodiscursivo de cliente (Obrigado por escolher ser *cliente* Santander).

As FT usadas nas mensagens de feliz aniversário dão à relação comercial uma coloração humanizada. É uma estratégia de marketing, não de afetividade. Por isso, são “comunicações personalizadas”, que o cliente pode recusar. A relação de proximidade comunicativa, no uso do Np e da 2.^a p/s é um fingimento detetável na materialidade discursiva. O uso do nome *Maria*, que propositadamente não foi apagado como as outras ocorrências de formas de tratamento nominais, é o resultado da descontextualização

informática, que não tem em conta uma característica cultural de nomes femininos portugueses, que tem o nome Maria como parte de um sintagma (Maria do Rosário, Maria Rosa, por exemplo). Além disso, o uso da 2ªp/s pretende simular uma relação descontraída, considerada própria dos jovens, a que não é alheio o tipo de produtos comercializados. Com efeito, não há elementos discursivos que suportem uma proximidade afetiva (e lembramos a metáfora do camaleão acima referida). Podemos, ao contrário, falar de neutralidade afetiva. São vozes sem corpo, porque é a voz de uma instituição. Toda a interação é instrumental. O objetivo é fidelizar o cliente. Os modos de ser sujeito estão ao serviço destes objetivos.

As mensagens em espaço familiar, por sua vez, são marcadas por proximidade comunicativa e afetiva, características de uma interação em família. São vozes reconhecidas e reconhecedoras dessa dimensão. O discurso é emocionado. Ocorrem marcas verbais, paraverbais e não verbais de afeto. A interação é constituída por intervenção iniciativa e intervenção reativa de agradecimento. É de salientar a multimodalidade discursiva, na dimensão da imagem como parte não verbal dos discursos. Aqui, como manifestação simbólica de gestualidade. Quanto às FT, ocorrem sobretudo FTN, hipocorísticos; nomes de parentesco; termos de afeto. Quanto às FTV, predomina a 2ª p.s.

Conclusão

O objetivo do presente trabalho foi mostrar a importância da relação entre linguística e ensino da língua, através da relação do conceito de *subjetividade*, central na linguística do uso, e um dos mecanismos que a constroem no discurso, as FT. Os contextos de uso dão lugar à expressão de diferentes subjetividades.

Concretamente, que significa em termos do ensino da língua atender a questões de teoria linguística? A oportunidade para mobilizar um conhecimento linguístico teórico aprofundado e sólido sobre a língua em uso para o aplicar a situações concretas de ensino e aprendizagem. A vantagem de abordar com os estudantes a heterogeneidade das situações comunicativas a partir de categorias descritivas que proporcionam um trabalho ancorado nas regras da língua em uso. Recorremos, para isso, ao conceito de (inter) subjetividade constitutiva dos discursos, para evidenciar a abertura ao uso, e, em particular, o modo como se manifesta nos discursos e como pode ser recuperada e

aplicada a partir de categorias discursivas como as FT. A subjetividade está presente em todas as interações analisadas, mas de modos diferentes.

Referências

BENVENISTE, Emile (1988). *Problèmes de Linguistique Générale I*. S. Paulo: Ed. Pontes [Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri].

BENVENISTE, Emile (1989). *Problemas de Linguística Geral II*. S. Paulo: Ed. Pontes [Tradução de Eduardo Guimarães, Marco Escobar, Rosa Figueira, Vandarsi Castro, João Geraldi e Ingedore Koch].

BROWN, Roger & GILMAN, Albert (1960) "The Pronouns of Power and Solidarity". Em *Style in Language*, ed. por Thomas Albert Sebeok, pp.253-276. Cambridge, Mass: MIT Press.

CARREIRA, Maria Helena (2007). "Le pronom d'adresse portugais « você » : valeurs et évolution". Em *Studii de lingvistică și filologie romanică. Hommages offerts à Sanda Reinheimer Ripeanu*, ed. por Alexandra Cunita, Coman Lupu & Liliane Tasmowski, pp. 15-19. București: Editura Universității din București.

CARREIRA, Maria Helena (2004) "Les formes allocutives du portugais européen: évolutions, valeurs et fonctionnements discursifs". *Coloquio Pronombres de Segunda Persona y Formas de Tratamiento en las Lenguas de Europa*, Plenary talk. Paris: Instituto Cervantes de Paris. Disponível em <https://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf>. Acesso em: 15, maio, 2021.

CARREIRA, Maria Helena (1998). *Modalisation linguistique en situation d'interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Peeters.

CHARAUDEAU, Patrick (2010). "Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização". Em *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil*, editado por Grenissa Stafuzza e Luciane de Paula, pp. 1-10. Edufu: Uberlândia.

COSERIU, Eugeniu (1990). "Fundamentos e tarefas da socio- e da etnolinguística". Em *Sociedade, Cultura & Língua*, editado por Linalda Mello, pp. 28-49. J. Pessoa: Chorin, CCHLA, FUNAPE, UFPS.

DUARTE, Isabel Margarida (2011). "Formas de tratamento em português: entre léxico e discurso". *Matraga* 18(28). 84-101. Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/277476118_Formas_de_tratamento_em_portugues_entre_lexico_e_discurso_in_Matraga_Vol_18_n_28_Rio_de_Janeiro_UERJ_2011_pp_84-101>. Acesso em: 21, junho, 2020. DOI: [10.12957/matraga.2011.26077](https://doi.org/10.12957/matraga.2011.26077)

DUARTE, Isabel Margarida & MARQUES, Maria Aldina (2023). "Referring to discourse participants in European Portuguese: The form of address *o senhor*". Em *Referring to discourse participants in Ibero-Romance languages*, editado por Pekka Posio & Peter Herbeck. Berlin: Language Science Press. DOI: 10.5281/zenodo.8123675

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2012). "Le contexte revisité". *Corela* HS-11: 1-24. <http://journals.openedition.org/corela/2627> Acesso em: 21, junho, 2020.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (2008). "Les formes nominales d'adresse en français: variations intraculturelles et interculturelles". Em *Travaux et documents* 40, editado por Maria Helena Carreira, pp. 391-412. Paris: Université Paris 8.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1992). *Les Interactions verbales*, vol. 2. Paris: A. Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980). *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine & PLANTIN, Christian (1995). *Le Trilogue*. Lyon: PUL.

KOCH, Ingedore, MORATO, Ludwiges & BENTES, Anna (Org) (2005). *Referenciação e Discurso*. São Paulo: Contexto.

LINDLEY CINTRA, Luís (1972). *Sobre as formas de tratamento*. Lisboa: Livros Horizonte.

MARQUES, Maria Aldina (2014). "Cortesia, formas de tratamento e géneros discursivos - condições de ocorrência e de uso". Em *Cortesia: Olhares e reinvenções*, editado por Isabel Seara, pp.145-172. Lisboa: Chiado Editora.

MARQUES, Maria Aldina & DUARTE, Isabel Margarida (2019). "Formas de tratamento e preservação da face em interações verbais online". *Revista da Associação Portuguesa de Linguística* 5: 236-249. Disponível em < <https://hdl.handle.net/10216/124128>>. Doi 10.26334/2183-9077/rapln5ano2019a17

OLIVEIRA, Sandi Michèle (2005). "A retrospective on address in Portugal (1982–2002). Rethinking power and solidarity". *Journal of Historical Pragmatics* 6:2, 307–323.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle (1995). "Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation". *Tranel* 23. *Travaux Neuchâtelois de Linguistique* 273-302.

PORTOLÉS, José (2004). *Pragmática para hispanistas*. Madrid: Síntesis.

RABATEL, Alain (2021). *La confrontation des points de vue dans la dynamique figurale des discours. Énonciation et interprétation*. Lambert-Lucas.

RABATEL, Alain (2013). "Les apports de l'analyse des discours médiatiques: de l'interprétation des données à la critique des pratiques discursives et sociales". *DACOROMANIA* 1, serie nouă, XVIII: 35–50. Disponível em < <https://shs.hal.science/halshs-01745779/document>>, Acesso em 21 de maio de 2019

Orientes do Português, v. 5, p. 63-76
<https://doi.org/10.21747/27073130/ori5a4>

VERSCHUEREN, Jef & ÖSTMAN, Jan-Ola (eds) (1995). *Handbook of Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins.

Webgrafia

<https://www.ex-isto.com/2021/02/subjetividade.html>